

ESTUDO DA EPÍSTOLA DE JUDAS

1. INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA

A epístola alerta sobre o perigo de se desviar da fé do evangelho, a mensagem revelada por Jesus e seus apóstolos para guiar os homens à comunhão eterna com Deus. Judas se posicionou ao lado dos outros súditos do Senhor Jesus e mostrou sua preocupação com a fidelidade e a salvação de todos. Enquanto falou de vários tipos de desvios da fé do evangelho, Judas reconheceu uma única mensagem como o fundamento da vida dos leitores, pessoas que ele chamou de amados.

As ameaças vêm em várias formas. Judas alertou sobre a influência de “pessoas ímpias, que transformam em libertinagem a graça do nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 4). Elas contaminam sua própria carne, rejeitam e difamam autoridades superiores, e vivem na ganância (Judas 8;10-12). Judas descreveu os ímpios como escarnecedores que promovem divisões e buscam suas próprias paixões sensuais (Judas 18-19).

As consequências desses desvios são graves. O autor citou exemplos de castigos severos de pessoas que não creram ou que abandonaram a sua fé em Deus: muitos dos israelitas foram destruídos no deserto, anjos rebeldes foram reservados para juízo, Sodoma e Gomorra foram queimadas (Judas 5-7). As pessoas que imitam os pecados dos rebeldes têm seu lugar reservado nas eternas trevas da punição (Judas 13).

Contra o pano de fundo da vacilação de homens instáveis, Judas apresentou em contraste a segurança da Palavra revelada por Deus. Ele vê essa Palavra como uma mensagem completa e imutável, totalmente revelada aos homens por Deus. Ele falou da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3). Diferentemente de muitos supostos “servos de Deus” que vieram depois (incluindo os tais “servos” dos dias atuais), Judas não defendeu a noção de revelações constantes dadas a diversas pessoas. Ele viu a revelação da Palavra de Deus como uma obra já realizada. Ele, assim como Pedro em sua segunda carta, não pediu para que os leitores buscassem novas revelações. Pelo contrário, chamou todos a se lembrarem daquilo que já foi revelado: “Mas vocês, meus amados, lembrem-se das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (Judas 17).

Referências a essa carta são conhecidas desde a antiguidade pelos “pais da igreja”: Clemente de Roma (96 d.C.), Clemente de Alexandria (155-215 d.C.), Tertuliano (150-222 d.C.) e Orígenes (185-253 d.C.). Em 170 d.C., a carta de Judas já fazia parte do Cânone Muratori e era aceita como “autorizada” por Atanásio (298-373 d.C.) e pelo Concílio de Cartago (397 d.C.).

Contudo, segundo Jerônimo e Dídimo, alguns críticos de suas épocas não aceitavam a canonicidade dessa epístola por causa da aparente citação de alguns escritos pseudepígrafos (Judas 9,12-15). “Pseudepígrafo” significa “título falso” e, assim, é um livro que falsamente proclama ter sido escrito pelo autor que declara. Porém, a maioria dos estudiosos bíblicos é unânime em reconhecer que um autor, inspirado pelo Espírito Santo, pode fazer uso de tanto documentos históricos quanto de textos não inspirados, com a finalidade de ilustrar ou corroborar sua argumentação bíblica, sem com isso estar defendendo a inspiração dos documentos ou referências utilizadas. Há também de se considerar a possibilidade de que Judas, talvez, nem sequer conhecesse tais livros e escritos pseudepígrafos – pela inspiração do Espírito Santo, ele pode simplesmente ter citado verdades que foram também preservadas em tais escritos e tradições judaicas. É também possível que as obras pseudepígrafas citadas fossem bem conhecidas na época e Judas meramente utilizou citações delas para exemplificar seus argumentos. Ainda outra possibilidade bem interessante é que Judas poderia saber que os pré-gnósticos utilizavam os livros pseudepígrafos a seu favor e quis contra-atacar usando o próprio material que eles usavam.

Se Judas realmente quis citar tradições e literatura judaicas não canônicas, demonstrou grande conhecimento delas. Sua carta, direta ou indiretamente, aludiu ao Testamento de Moisés, no qual foi inserido o texto chamado Ascensão de Moisés (Judas 9), e o Livro de 1 Enoque (Judas 12-15). Judas também apoiou suas palavras em personagens e locais do Antigo Testamento: Sodoma e Gomorra, o arcanjo Miguel, Caim, Balaão, Corá e Enoque, o sétimo após Adão.

1.1. AUTORIA

O autor intitula-se no início da carta como Judas, irmão de Tiago (Judas 1). O Tiago mais conhecido da igreja primitiva era o irmão de Jesus Cristo, autor da epístola de Tiago. O apóstolo Tiago, membro dos 12 apóstolos e irmão de João, foi morto por Herodes muito cedo para poder ser o autor da carta de Tiago (Atos 12:1-2).

Se Judas era irmão do Tiago que era irmão de Jesus, como parece ser o caso, entende-se que Judas também era irmão de Jesus. De fato, Jesus tinha irmãos chamados Tiago e Judas: “Não é este o filho do carpinteiro? A sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas?” (Mateus 13:55).

Judas era um nome muito comum na Palestina da época de Cristo, como Judas Tadeu, um dos doze apóstolos, e Judas Iscariotes, o traidor (Mateus 10:4; Marcos 3:19; Lucas 6:16; Atos 1:13; João 18:2,5).

É interessante que tanto Tiago como Judas, na abertura de suas cartas, apresentam-se como servos de Jesus Cristo, e não como seus irmãos na carne. Provavelmente isso foi feito como uma demonstração de reverência e, também, para não darem a entender que reivindicavam qualquer privilégio ou atenção especial às suas cartas por serem irmãos de Jesus. Porém, outros irmãos em Cristo não hesitaram em fazer tal referência e se encarregaram de registrar o parentesco deles (Mateus 13:55; Marcos 6:3; João 7:3-10; Atos 1:14; 1 Coríntios 9:5; Gálatas 1:19). Judas, à semelhança de seus irmãos, não creu em Jesus durante seu ministério terreno, mas se tornou cristão após a ressurreição dele.

Alguns estudiosos negam que Judas seja o autor dessa carta, baseados principalmente no fato de que ela está escrita em um grego muito bem articulado para um galileu. Porém, isso leva à falsa conclusão de que os galileus eram semianalfabetos e desprovidos de contato com a cultura helenística. Tiberíades, na margem ocidental do mar da Galileia, era uma cidade inteiramente helenística e sua presença na região ilustra que a cultura mais ampla do mundo greco-romano nunca esteve distante.

1.2. DESTINATÁRIOS

Tudo que se sabe dos destinatários originais é que eram cristãos (Judas 1). Judas 3 pode indicar que o autor os conhecia pessoalmente, e disso alguns concluem que a carta era mais do que um simples panfleto endereçado a um número de igrejas ou para cristãos de todos os lugares.

1.3. PROPÓSITOS

O tom da carta sugere que o autor estava “assustado” e parece que foi escrita com alguma pressa (Judas 3). Sem dúvida, Judas quis alertar seus leitores acerca dos falsos irmãos e dos falsos mestres que estavam se infiltrando nas igrejas. Eles criavam uma atmosfera irreverente que resultava em divisões e disseminação de dúvidas e cinismo. A motivação deles era avareza e cobiça.

O primeiro e grande desejo de Judas era escrever sobre a salvação que os cristãos têm em comum (Judas 3), porém ele acabou escrevendo uma vigorosa obra apologética contra os precursores do gnosticismo, filosofia que ganhava cada vez mais força e adeptos entre os cristãos do mundo civilizado da época.

O gnosticismo, expressão que deriva do termo grego *gnosis*, o qual significa “conhecimento”, cuja forma filosófica acabada somente se consolidou a partir do segundo século, tem influenciado o pensamento da humanidade até nossos dias, devastando a moral e a fé em Jesus Cristo. Os falsos mestres chegavam ao ponto de usarem os próprios textos do apóstolo Paulo para defenderem a “plena liberdade” do ser humano, a fim de darem licença total às “manifestações da carne” (Gálatas 5:13). Essa confrontação se revela claramente na descrição que Judas fez dos falsos irmãos e dos falsos mestres, destacados como pessoas que adulteraram a graça do Senhor em libertinagem e que negaram Jesus Cristo.

Em contraste com a atitude mundana dos falsos irmãos e dos falsos mestres, os cristãos devem ser totalmente reverentes a Cristo, se apegando à fé do evangelho e demonstrando um amor fraternal, altruísta e espiritual. Sempre atentos à graça que foram contemplados, os cristãos devem demonstrar misericórdia para com aqueles que estão enredados pelo modo mundano de pensar e agir, pois assim talvez alguns sejam levados à

salvação (Judas 19-23). Judas finalizou sua obra com uma bela e significativa doxologia (Judas 24-25), muito apropriada para todos aqueles que enfrentam as forças carnis tão presentes em nossa época.

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

É notável a relação que a carta de Judas tem com a Segunda Epístola de Pedro. Muitos acreditam que 2 Pedro “tomou emprestado e modificou” material de Judas. Se fosse assim, tendo em vista que é provável que 2 Pedro foi escrito por volta de 64-68 d.C., então a carta de Judas teria sido escrita antes de 64-68 d.C. O aparente “empréstimo”, no entanto, parece ter ocorrido na direção inversa. Ao que tudo indica, 2 Pedro profetizou sobre alguns males que acometeriam as igrejas, procurando prevenir os cristãos sobre tais influências perniciosas, as quais efetivamente ocorreram no tempo de Judas e foram abordadas em sua carta. As maiores semelhanças de 2 Pedro com Judas são encontradas em 2 Pedro 2:1-22.

Não há nenhuma evidência histórica e arqueológica que possa datar a carta de Judas em um tempo posterior à existência dos apóstolos e à existência do próprio Judas. Judas, Paulo e Pedro não combateram o gnosticismo totalmente formatado do segundo século, mas um embrião das ideias libertinas que questionavam a perfeita humanidade e divindade de Jesus Cristo como o Filho de Deus e Messias, as quais culminariam na falsa doutrina do gnosticismo. Há indicações de que os próprios leitores de Judas chegaram a presenciar algumas das pregações de Pedro (2 Pedro 3:3) e de outros apóstolos. É comumente aceito que a carta de Judas começou a circular entre os anos 66 e 80 d.C.

1.5. CURIOSIDADES

- A Epístola de Judas foi considerada por Orígenes, um dos “pais da igreja” do segundo século, um escrito de “apenas alguns versos, mas repletos de poderosas palavras de sabedoria celestial” (Judas 1-12);
- Judas, à semelhança de seus irmãos, não creu em Jesus durante seu ministério terreno, mas se tornou cristão após a ressurreição dele (Atos 1:14; Judas 1);
- Tiago e Judas, na abertura de suas cartas, apresentaram-se como servos (escravos) de Jesus Cristo, não como seus irmãos na carne (Tiago 1:1, Judas 1);
- O historiador Hegésipo afirmou que dois netos de Judas foram levados diante do imperador Domiciano por serem descendentes de Davi, mas ambos foram dispensados após a conclusão de que eram camponeses inofensivos.

1.6. TEMAS

A carta de Judas contém os seguintes temas:

- **Advertência contra os falsos irmãos e falsos mestres:** o primeiro enfoque de Judas incide sobre os perigos representados pelos falsos irmãos e falsos mestres, os quais negavam o senhorio de Cristo e usavam a liberdade cristã e a graça de Deus como licença para a libertinagem (Judas 4). Eles viviam se queixando, descontentes com a própria sorte (Judas 16) e não passavam de escarneadores orientados pelos próprios desejos pecaminosos e instintos naturais (Judas 18-19). A Bíblia ressalta o perigo de pessoas que falam de Deus, mas não ensinam a verdade dele. Jesus falou de “falsos profetas, que se apresentam a vocês disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes” (Mateus 7:15). O apóstolo Paulo disse que, mesmo dentre os presbíteros de Éfeso, se levantariam “homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás de si” (Atos 20:30). Judas exortou os cristãos a estarem atentos aos homens que não trazem a fé verdadeira;
- **Apego à Palavra de Deus já revelada de uma vez por todas:** Judas exortou seus leitores a se apegarem e lutarem pela fé do evangelho, a qual foi revelada de uma vez por todas (Judas 3). Ele não disse para os leitores aguardarem ou buscarem novas revelações, mas para lembrarem “das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (Judas 17);

- **O comportamento cristão:** a carta de Judas enfatiza o senhorio de Cristo (Judas 4,9,14-15,25). A liberdade cristã não é uma licença para se fazer o que quiser. Os cristãos devem ser edificados nos ensinamentos da fé do evangelho, devem praticar a oração, devem permanecer fiéis a Deus e devem ser misericordiosos com os demais.

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que a carta está estruturada da seguinte maneira:

- Introdução (Judas 1-2);
- A ocasião da carta (Judas 3-4);
- Advertência contra os falsos mestres (Judas 5-16);
- Exortação aos cristãos (Judas 17-23);
- Doxologia de encerramento (Judas 24-25).

2. ESTUDO DA EPÍSTOLA DE JUDAS

As citações neste estudo são da Bíblia Nova Almeida Atualizada.

INTRODUÇÃO

Judas 1-2: *“{1} Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos que foram chamados, são amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo. {2} Que a misericórdia, a paz e o amor lhes sejam multiplicados.”*

1 – Judas provavelmente é o irmão do Tiago que escreveu a epístola bíblica que leva seu nome (Epístola de Tiago), líder da igreja em Jerusalém (Atos 15:2-3; Gálatas 2:9) e um dos irmãos de Jesus Cristo (Mateus 13:55; Marcos 6:3). Assim, Judas também deve ter sido irmão de Jesus Cristo. Seu nome, assim como o de Jesus, foi um nome muito comum na Palestina. Há seis pessoas diferentes com o nome de Judas no Novo Testamento, e “Judas” é a forma grega do nome hebraico Judá.

O autor dessa carta se apresentou como “servo”, palavra que no original grego significa “escravo” do Senhor. Tiago e Judas, na abertura de suas cartas, demonstram humildade cristã e fé na divindade de Jesus ao se apresentarem como escravos de Jesus Cristo, não como seus irmãos na carne. Além disso, sabemos pelas Escrituras que Judas, à semelhança de seus irmãos, não creu em Jesus durante seu ministério terreno (João 7:5), mas se tornou cristão após a ressurreição dele (veja Atos 1:14).

O historiador Hegésipo afirmou que dois netos de Judas foram levados diante do imperador Domiciano por serem descendentes de Davi, mas ambos foram dispensados após a conclusão de que eram camponeses inofensivos.

Tudo que se sabe dos destinatários originais é que eram cristãos. Judas escreveu “aos que foram chamados”, aqueles que são atraídos pelo amor de Deus. Todos que ouvem o evangelho são chamados. O amor de Deus é algo que Judas tem em comum com todos aqueles que “são amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo”, ou seja, aqueles que se converteram a Jesus. Essa expressão exprime a ideia de que aqueles que praticam a fé verdadeira do evangelho estão em comunhão com Deus, o Pai (estão “em Deus Pai”), sendo amados por ele, além de terem todo o seu ser reservado em Cristo para receberem a herança incorruptível nos céus (“guardados em Jesus Cristo”). Aqueles que se converteram a Cristo creem no Pai e no Filho e tornam-se um (João 17:21). Judas asseverou que o Senhor sustenta todo o universo e cuida para que seus filhos sejam preservados e alcancem plenamente a herança eterna (João 3:16; 6:37-40; 17:11-12; Romanos 8:28-39; Colossenses 1:17; Hebreus 1:3; 1 Pedro 1:3-5).

Cabe lembrar que a conversão a Cristo nos termos estabelecidos no Novo Testamento consiste em: (1) crer em Cristo como Senhor (Deus – ele manda e nós obedecemos, ainda que não gostemos de alguns de seus ensinamentos) e como salvador (João 6:29; 8:24,58; Atos 4:12); (2) confessar a fé do evangelho durante toda a vida, e

não apenas no momento de conversão (Atos 2:29-33; 8:33-36; Romanos 10:9-10,13; 1 Coríntios 15:12-14; Apocalipse 2:10); (3) se arrepender, ou seja, desistir de pecar e se comprometer a seguir os ensinamentos de Cristo (Mateus 3:8; 7:20; Lucas 13:1-7; 1 João 1:8-2:2); (4) ser batizado (imerso em água) em nome do Pai, Filho e Espírito Santo/de Cristo com o objetivo de obter a remissão de pecados e o recebimento do dom do Espírito – a própria salvação e a capacitação para nela permanecer (Mateus 28:18-20; Marcos 16:15-16; João 3:5; Atos 2:38; 22:16; Romanos 6:3-4; Gálatas 3:26-27; Colossenses 2:12; 1 Pedro 3:21); e (5) perseverar na fé do evangelho, isto é, persistir em aplicá-la na vida prática até o fim (Mateus 10:22; Hebreus 10:26-31,35-36,39). Todos esses aspectos estão presentes na verdadeira crença em Deus. Se faltar algum, a pessoa ainda não se tornou cristã.

2 – Judas também desejou aos destinatários de sua carta que *“a misericórdia, a paz e o amor lhes sejam multiplicados”*, ou seja, Judas quis que essas características se multiplicassem cada vez mais entre irmãos em Cristo. Essa expressão também inclui um princípio importante do Novo Testamento: a língua não é para pecar, mas para abençoar (Provérbios 6:12; 8:13; 10:11; 11:9,11; 13:3; 15:28; 18:6; 21:23; 31:26; Mateus 7:19; 13:47-50; 15:11,18; 1 Pedro 2:15,17; Romanos 2:3; 12:14).

A palavra *“paz”*, nesse contexto, expressa o profundo descanso e bem-estar da alma, os quais emanam da verdadeira experiência da graça de Deus, independentemente das circunstâncias momentâneas que os cristãos enfrentam (João 14:27; 20:19; Gálatas 1:3; Efésios 1:2). A *“paz”* também denota um estado de espírito tranquilo, sem medo, sem preocupação, sem dúvidas. Não significa, necessariamente, a ausência de problemas, mas a certeza em meio a eles de que tudo terminará para o bem. A palavra *“paz”* tem base na palavra hebraica *shalom* usada entre os judeus em suas saudações costumeiras, um termo que está entre os mais importantes termos do Antigo Testamento. *“Paz”* no hebraico tem um significado mais rico do que na língua portuguesa.

A OCASIÃO DA CARTA

Judas 3-4: *“{3} Amados, quando eu me empenhava para escrever-lhes a respeito da salvação que temos em comum, senti que era necessário corresponder-me com vocês, para exortá-los a lutar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos. {4} Pois certos indivíduos, cuja sentença de condenação foi promulgada há muito tempo, se infiltraram no meio de vocês sem serem notados. São pessoas ímpias, que transformam em libertinagem a graça do nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.”*

3 – O primeiro e grande desejo de Judas era escrever sobre a salvação que os cristãos têm em comum, porém ele acabou escrevendo uma vigorosa obra apologética contra os precursores do gnosticismo, filosofia que ganhava cada vez mais força e adeptos entre os cristãos do mundo civilizado da época, especialmente entre os cristãos recém-convertidos que não tinham um fundamento sólido no evangelho. Pode ser que Judas conhecesse os destinatários de sua carta pessoalmente. Tendo isso em vista, alguns concluem que a carta era mais do que um simples panfleto endereçado a um número de igrejas ou aos cristãos de todos os lugares. O tom da carta aqui sugere que o autor estava *“assustado”* e parece indicar que foi escrita com alguma pressa, possivelmente um senso de urgência, uma vez que Judas poderia estar vendo o cumprimento das palavras dos apóstolos sobre falsos irmãos e falsos mestres se infiltrando nas igrejas e pervertendo a Palavra do Senhor (Atos 20:29-30; 2 Pedro 2:1-3; Judas 4,17-18).

A expressão grega *epagōnizesthai*, aqui traduzida como *“lutar”*, comunica o sentido de *“lutar com todas as forças”* contra os inimigos da fé e da sã doutrina. A *“fé”* que Judas se refere é a doutrina revelada por Cristo e seus apóstolos e profetas. É um termo intercambiável com *“doutrina”* e *“evangelho”* (Efésios 3:3-5; Atos 6:7; 8:13; Gálatas 1:23). Essa doutrina já havia sido entregue aos santos *“uma vez por todas”* durante a vida de Judas, já no primeiro século. Ora, se a fé já foi entregue de uma vez por todas desde aquela época, não há mais revelação de Deus além do que está escrito na Bíblia. Assim, toda doutrina que vá além da doutrina que é apresentada na Bíblia deve ser rejeitada por ser coisa inventada pelos homens. As Escrituras são a única revelação da Palavra de Deus.

4 – O motivo da exortação a lutar é que algumas pessoas, possivelmente precursores do gnosticismo, entraram despercebidas no meio dos irmãos em Cristo e estavam ensinando práticas que levariam os discípulos a abusarem da graça do Senhor e negarem a autoridade absoluta dele. A expressão *“se infiltraram no meio de vocês sem serem notados”* denota que tais pessoas entraram no meio dos irmãos com engano, fingindo serem irmãos, ou seja, dissimulando, e por isso não foram notados como inimigos da fé cristã. A segunda carta de Pedro trata bastante da advertência contra falsos irmãos e falsos mestres. Quem não lutar, estando preparado pelo conhecimento e pela

prática da fé revelada por Cristo, por causa de sua ignorância e sossego cairá em castigo com os homens condenáveis que trazem doutrinas falsas.

Tais inimigos podem até mesmo ter sido manipulados pelo diabo e espíritos de engano, ou o “*espírito do erro*”. João, o apóstolo do amor, que também combateu fortemente as ideias pré-gnósticas em suas epístolas, escreveu em 1 João 4:6: “*Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve; quem não é de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.*” Ele também escreveu em 1 João 4:1-3: “*Amados, não deem crédito a qualquer espírito, mas provem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído mundo afora. Nisto vocês reconhecem o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa isso a respeito de Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual vocês ouviram dizer que viria e que agora já está no mundo.*”

Invariavelmente, quem não segue a doutrina correta do Senhor, a qual já está revelada na Bíblia e foi entregue de uma vez por todas (Judas 3), está em erro. Isaías também havia exortado o povo para sempre se voltar à Palavra de Deus em Isaías 8:20: “*À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, jamais verão a luz do alvorecer.*” Os inimigos quiseram atacar as verdades fundamentais do cristianismo e perverter os incautos. O evangelho deve ser vivido e pregado sem qualquer adulteração, conforme Gálatas 1:9: “*Como já dissemos, e agora repito, se alguém está pregando a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que esse seja anátema.*”

Há muito tempo esses dissimuladores foram previstos pelo Senhor, pois os apóstolos Paulo e Pedro haviam falado sobre eles (Atos 20:29-30; 2 Pedro 2:1-3; Judas 4,17-18). Eles alteram a Palavra de Deus, bem como sua graça e bondade, tornando-as em libertinagem. Há até mesmo aqueles que dizem que se pode pecar “porque o Senhor perdoa depois” (1 João 2:1-2). Mas isso é abusar da misericórdia de Deus. Negar o evangelho é negar Jesus, negar a autoridade dele é colocar a vontade das pessoas como soberana. Judas indicou que os falsos irmãos e os falsos mestres proclamavam ser cristãos, mas observou que eles ofendiam a graça de Deus em Cristo. Acusações contra o estilo de vida imoral desses mestres constituem o cerne de sua crítica.

Judas também deixou bem claro seu reconhecimento à divindade de Cristo, uma vez que considera Jesus “*o nosso único Soberano e Senhor*”. Se Deus é o único e todo-poderoso, mas Judas fez essa associação, ele obviamente creu na divindade de Cristo (Romanos 10:9, 2 Pedro 2:1-3).

ADVERTÊNCIA CONTRA OS FALSOS MESTRES

Judas 5-7: “*{5} Embora vocês já estejam cientes de tudo de uma vez por todas, quero lembrar-lhes que Jesus, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram. {6} E a anjos — os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio lugar — ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia. {7} Igualmente Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas, que também se entregaram à imoralidade e adotaram práticas contrárias à natureza, foram postas como exemplo do castigo de um fogo eterno.*”

5 – Ainda que os destinatários da carta já estivessem cientes da severidade de Deus “*de uma vez por todas*”, Judas citou exemplos do juízo divino registrados na história do Antigo Testamento para demonstrar o perigo da delinquência do indivíduo e o afastamento da sociedade do temor do Senhor. A expressão “*de uma vez por todas*” denota que os destinatários, já no primeiro século, tiveram todas as informações necessárias reveladas para não caírem em juízo. A espiral descendente do pecado é, basicamente, sempre a mesma: falta de fé, abandono da santidade, imoralidade e perdição. O povo de Israel, ao cruzar o deserto rumo à Canaã, duvidou das promessas do Senhor. Em consequência, quase todos os adultos daquela geração morreram antes de entrarem na terra prometida (Êxodo 12:51; 32:30-35; Números 14:29-30).

Curiosamente, aqui a Bíblia Nova Almeida Atualizada traduziu o termo original grego *kurios*, que significa “Senhor” e é usado frequentemente no Novo Testamento como referência a Deus Pai, como “*Jesus*”. Essa tradução não está incorreta como alguém poderia alegar, uma vez que Judas de fato creu na divindade de Cristo e sua carta enfatiza o senhorio de Cristo (Judas 4,9,14-15,25). Assim, podemos pensar em Jesus como aquele que libertou o povo de Israel do Egito. O autor de Hebreus escreveu que Moisés “*entendeu que ser desprezado por causa de Cristo era uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a recompensa*” (Hebreus 11:26).

6 – Deus organizou o céu e distribuiu aos anjos áreas de liderança, responsabilidade, autoridade e poder. Alguns anjos se deixaram contaminar pela arrogância e egoísmo e se revoltaram contra as ordens de Deus. Entretanto, no dia do juízo final, todos os partidários do mal serão consumidos pelo castigo eterno de Deus (Mateus 25:41; 2 Pedro 2:4).

O que o texto realmente diz é que alguns anjos não se mantiveram leais ao Senhor e o desobedeceram. Desobedecer a Deus é pecado. Com relação à expressão *“E a anjos — os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio lugar”*, Judas indicou que tais anjos desleais, por causa do pecado, perderam a condição santa, honrada e feliz em que foram criados, em perfeita santidade e justiça. Anjos são autoridades celestiais, uma categoria de criaturas que vê a face de Deus e aproveita de sua presença. Mas essa condição não foi mantida para alguns deles, uma vez que desobedeceram a Deus de alguma forma, pecando. Por isso, certos anjos não são o que eram antes. Os desobedientes perderam seus lugares e posições de honra.

Judas também afirmou que tais anjos já estão reservados ao juízo terrível e condenados a andarem eternamente em trevas, como se estivessem algemados à escuridão (*“ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas”*), ou seja, estão condenados à ausência de Deus, considerando que *“Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”*, conforme 1 João 1:5. No dia do juízo final, esses anjos, assim como os demais ímpios, terão a sentença final (*“para o juízo do grande Dia”*). Jesus disse que a punição final será a mesma tanto para seres humanos ímpios quanto para Satanás e seus anjos: *“Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: ‘Afastem-se de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos’”* (Mateus 25:41).

Alguns intérpretes acreditam que o pecado dos anjos abordado na carta de Judas foi mencionado em Gênesis 6:2, onde os *“filhos de Deus”* tiveram relações com as *“filhas dos homens”*. Antigos intérpretes judeus acreditavam que os *“filhos de Deus”* eram seres angélicos e elaboraram extensos escritos sobre o episódio, atribuindo muita maldade em nosso mundo por causa da influência deles. Essas histórias judaicas foram elaboradas no livro pseudepígrafo de 1 Enoque. *“Pseudepígrafo”* significa *“título falso”* e, assim, é um livro que falsamente proclama ter sido escrito por Enoque, o justo que andou com Deus e foi tomado vivo por ele (Gênesis 5:24). Na verdade, 1 Enoque é um compósito de textos escritos desde o século 3 a.C. ao século 1 d.C. Isso não significa que não haja elementos de verdade inclusos nele, porém, tendo-se em vista a natureza desse tipo de livro, seria arriscado tratá-lo como fonte confiável. No livro se descreve a rebelião dos *“vigilantes”*, os anjos que poderiam ter coabitado com as *“filhas dos homens”* em Gênesis 6:1-4. Os filhos dessas uniões seriam os chamados *nefilins* – homens poderosos que viveram antes do dilúvio. Os *nefilins* teriam motivado a determinação de Deus em destruir o povo maligno e violento que se estabeleceu na terra, culminando no dilúvio. Outro livro não canônico, Jubileus, também apresenta um relato sobre tais anjos, porém, assim como 1 Enoque, não deve ser tido como confiável.

Contudo, a referência de Gênesis 6 aos *“filhos de Deus”* pode não ser para seres angelicais, mas para os descendentes de Sete, os quais buscavam a Deus (Gênesis 5:25-26), e a referência *“filhas dos homens”* pode ser para as mulheres de grupos de pessoas que não buscavam a Deus.

Outros intérpretes acreditam que o pecado dos anjos abordado na carta de Judas teria ocorrido antes da queda de Adão e Eva – a rebelião de alguns anjos contra Deus. Nessa linha de raciocínio, tais seres caídos podem ter se tornado Satanás e os anjos maus (talvez os demônios e maus espíritos mencionados na Bíblia).

Independentemente das possibilidades sobre quais teriam sido os pecados dos anjos, o contexto da Epístola de Judas discute pessoas ímpias que se infiltraram na igreja e alerta sobre o futuro delas. Esse tipo de pecado e injustiça não são novidade: quando os israelitas se apartaram de Deus no deserto depois de Moisés os tirar do Egito, Deus os destruiu (Judas 5); quando os anjos se rebelaram, Deus os entregou à escuridão eterna.

7 – Quanto ao pecado das pessoas que viviam em Sodoma e Gomorra e cidades circunvizinhas, o problema principal foi o mesmo dos anjos: desobediência ao Senhor. De forma semelhante à forma como os israelitas eram adúlteros em relação a Deus e procuravam outros deuses, os habitantes de Sodoma e Gomorra buscavam satisfazer impulsos da carne, sendo que isso era o deus deles. Genesis 19:5 demonstra que os homens de Sodoma cobiçaram os dois anjos que tinham ido para a casa de Ló.

No caso de Sodoma e Gomorra, a imoralidade sexual era o grave problema, mas não temos certeza se era a mesma coisa no caso dos anjos desobedientes. É possível entender pelo texto que tanto o pecado dos anjos abordados na carta de Judas quanto o pecado dos habitantes das cidades mencionadas pode ter sido a imoralidade sexual, mas o texto não afirma verdadeiramente que esse era o pecado em comum deles. É estranho imaginar que um anjo tenha material genético e DNA para se reproduzir com uma humana, como alguns interpretam que ocorreu em Gênesis 6:1-4. A Bíblia é silenciosa quanto a essa ideia. Embora possa ser discutido que anjos assumiram a aparência de homens, como Gabriel (Daniel 9:21; Lucas 1:11-20) e os dois anjos enviados para destruir Sodoma (Gênesis 19:1-13), assumir que anjos caídos tinham capacidade reprodutiva é outra questão. Além disso, os anjos que apareceram como homens não eram anjos caídos. Não temos nenhum apoio bíblico de que anjos caídos sequer tenham aparecido como homens ou que tenham DNA para reprodução física. O espiritual pode produzir descendência física, como foi testemunhado pelo Espírito Santo sobre Maria. No entanto, o Espírito Santo é o criador e tem esse poder (Salmo 104:30). Será que anjos caídos têm tal poder? A Bíblia simplesmente não revela isso.

Talvez a falha dos anjos condenados tenha mais a ver com idolatria, ou seja, eles retiraram o Senhor como primeira prioridade em suas vidas para colocarem outra coisa no lugar. Os habitantes de Sodoma e Gomorra fizeram o mesmo – não tinham Deus como sua prioridade. No caso deles, a satisfação de seus desejos sexuais imorais era sua prioridade, e isso caracteriza idolatria. A idolatria é caracterizada tipicamente por uma vontade de seguir algo que não seja Deus, ou de buscar a satisfação de si próprio, fazendo do “eu” um deus. Em vários momentos na Bíblia a prostituição é relacionada à idolatria (por exemplo, Oseias 4:12-15). Os anjos desobedientes, certamente, colocaram como sua prioridade alguma coisa que não era Deus, e o pecado comum deles e dos habitantes de Sodoma e Gomorra foi a desobediência ao Senhor.

Assim, é provável que Judas simplesmente estivesse se referindo ao fato de que as pessoas de Sodoma e Gomorra e cidades circunvizinhas, à semelhança dos anjos desobedientes, desobedeceram ao Senhor em alguma coisa e não o colocaram como prioridade. Judas, portanto, estava usando o exemplo de anjos desobedientes e dos ímpios de Sodoma e Gomorra para desenvolver seu argumento: enfatizar que, seja qual for a maldade que campeie pelo universo e pela história, não ficará impune aos olhos do Senhor. A sociedade tende a se afastar da Palavra de Deus, seguindo o caminho da imoralidade e desobediência. O juízo ocorrido no passado foi um prenúncio e exemplo do dia em que Deus trará juízo, analogamente fazendo cair “enxofre incandescente” como foi com Sodoma e Gomorra, consumindo toda impiedade e impureza moral sobre a Terra (Gênesis 19:5; 19:24; 2 Pedro 2:10).

Portanto, o ponto principal é: Deus nunca aceitou rebeldia contra sua autoridade, nem de seu próprio povo escolhido (Judas 5), nem de anjos (Judas 6), nem de outros povos (Judas 7). O Senhor não trata pessoas com parcialidade (Romanos 2:11) e os transgressores serão punidos, sejam quem forem, cedo ou tarde.

Judas 8-10: *“{8} Do mesmo modo também esses, quais sonhadores, contaminam a carne, rejeitam a autoridade e insultam os gloriosos seres celestiais. {9} Contudo, nem mesmo o arcanjo Miguel, quando entrou em conflito com o diabo e discutia a respeito do corpo de Moisés, ousou pronunciar sentença difamatória contra ele. Pelo contrário, disse: ‘O Senhor repreenda você!’ {10} Esses, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como animais irracionais, até nessas coisas se corrompem.”*

8 – Voltando a se referir aos “certos indivíduos” de Judas 4 (os falsos irmãos e os falsos mestres), Judas chamou aqueles que ensinavam falsas doutrinas de “sonhadores”, expressão cujo sentido original se refere às pessoas “alucinadas” ou “fora da realidade”, por causa do efeito moral devastador que suas “fantasias” provocavam em suas atitudes e estilo de vida.

As pessoas que se afastam do Senhor e são controladas por suas “fantasias” são iludidas pela ideia do prazer de “estar ausente” da realidade. Por isso, são levadas a desenvolverem um comportamento absolutamente antagônico ao Senhor e sua Palavra. Tornam-se especialistas na arte de mentir e rejeitam toda autoridade instituída a partir de Deus, seus servos, e dos membros da própria família.

Alguns apóstatas (cristãos que caíram e desertaram do cristianismo) se tornaram adeptos da filosofia pré-gnóstica e descambaram para a prostituição e o homossexualismo, tornaram-se libertinos, antinomistas (antinomismo significa literalmente “contra lei”, não no sentido de oposição à lei, mas no sentido de não aceitar

que exista de fato alguma norma geral que seja capaz, por si mesma, de classificar um comportamento como sendo certo ou errado), além de terem desenvolvido uma teoria filosófico-religiosa que negava a influência das ações realizadas por meio do corpo sobre o espírito humano.

A expressão *“contaminam a carne”* denota o oposto da santificação do próprio corpo – é a desonra do próprio corpo. É uma referência às práticas ímpias de Sodoma e Gomorra, particularmente as práticas homossexuais (Judas 4,7; Romanos 1:26-32).

Judas repreendeu a atitude de tais *“sonhadores”* em relação a desprezarem o domínio do governo e de autoridades celestiais. Ao se referir à *“autoridade”*, Judas em última análise indicou que os falsos irmãos e os falsos mestres não tinham respeito à autoridade de Deus, mas ele também pode ter se referido aos seres celestiais e/ou às autoridades locais. As pessoas que agradam a Deus são submissas a ele e também ao governo e autoridades locais (Romanos 13:1-8), mas não é isso que os falsos irmãos e os falsos mestres faziam. Rejeição de autoridades, em geral, é rejeição contra a ordem que Deus estabeleceu. A exceção que permite desobedecer a uma autoridade é se ela mandar fazer algo que contrarie um mandamento do Senhor (Atos 5:29). Além disso, aparentemente, alguns falsos irmãos e falsos mestres, adeptos de filosofias pré-gnósticas, de alguma forma difamavam os seres celestiais, possivelmente ao adotarem um estilo andrógino de vida (a mistura de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma de descrever algo que não é nem masculino e nem feminino) que eles podem ter entendido como deixando-os *“mais próximos”* aos seres celestiais. No entanto, tais falsos irmãos e falsos mestres nem sequer tinham um entendimento correto sobre os seres celestiais – as atitudes deles apenas os difamavam (Judas 10).

Resumidamente, tais *“sonhadores”*, além de contaminarem a si mesmos com suas *“fantasias”* e imoralidade, como fizeram os habitantes de Sodoma e Gomorra (Judas 7), rejeitavam as autoridades celestiais e locais e difamavam os seres celestiais, pois tudo o que não entendiam difamavam – eles se corrompiam com coisas que podem ser compreendidas até mesmo pelos seus próprios instintos naturais, agindo como *“animais irracionais”* (Judas 10). Eles estavam vivendo fora da realidade.

9 – Para contrastar o proceder correto diante das autoridades com a atitude reprovável dos falsos irmãos e dos falsos mestres, Judas citou um exemplo em que nem mesmo o poderoso arcanjo Miguel se atreveu a fazer qualquer acusação injuriosa contra o próprio Satanás, limitando-se a declarar que o Senhor o repreendesse. Isso ilustra a submissão e respeito do arcanjo em relação à autoridade de Deus, mesmo quando discutindo com o próprio diabo. Este é o ponto que Judas quis defender: o respeito à autoridade do Senhor, mesmo diante dos piores inimigos. Os anjos, mesmo sendo difamados pelos falsos irmãos e falsos mestres, não profeririam acusações injuriosas contra eles, mas se limitariam a dizer: *“O Senhor repreenda você!”*

Interessantemente, esse mesmo ponto pode ser constatado também em Zacarias 3:1-2: *“Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do SENHOR, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor. Mas o SENHOR disse a Satanás: ‘O SENHOR te repreende, ó Satanás; sim, o SENHOR, que escolheu a Jerusalém, te repreende; não é este um tição tirado do fogo?’”* É intrigante por que Judas não citou Zacarias, um profeta inspirado, ao invés de citar a história sobre a situação em que Miguel contendeu com Satanás sobre o corpo de Moisés – uma história que aparece em uma tradicional obra judaica, não inspirada, chamada Ascensão de Moisés, a qual foi incluída em outra obra chamada Testamento de Moisés. Uma vez que Judas utilizou tal história ao invés de citar um livro inspirado, podemos pensar nas seguintes possibilidades:

- A história sobre a situação em que Miguel contendeu com Satanás sobre o corpo de Moisés era bem conhecida na época e Judas quis usá-la para defender seu ponto;
- Pode ter sido uma história verdadeira;
- Judas quis contra-atacar os pré-gnósticos com seu próprio material, o qual continha também essa história.

Talvez Judas nem sequer conhecesse esses livros pseudepígrafos, citando a história de memória. Também é possível que algumas obras pseudepígrafas, ainda que não sejam inspiradas, tenham preservado alguns eventos genuínos. Talvez Judas, inspirado pelo Espírito Santo, tenha sido capaz de discernir a verdade no meio da ficção.

Porém, dada a natureza desse tipo de livro, seria arriscado tratá-lo como fonte confiável. Também é útil ter em mente que a citação de certa obra por um autor bíblico não significa aprovação a ela. Paulo, por exemplo, citou poetas pagãos em Atos 17:28 (citando Arato), 1 Coríntios 15:33 (citando Menandro) e Tito 1:12 (citando Epimênides), mas não estava creditando a eles qualquer autoridade canônica. Às vezes pagãos falam coisas verdadeiras. Da mesma forma, as referências contidas na carta de Judas que parecem aludir a obras pseudepígrafas não indicam que ele creditava alguma autoridade canônica a elas.

Se Judas realmente quis citar tradições e/ou literaturas judaicas não canônicas, ele demonstrou bom conhecimento de algumas delas. Sua carta, intencionalmente ou não, aludiu a algumas passagens do Testamento de Moisés, no qual foi inserido o texto chamado Ascensão de Moisés (Judas 9), e aludiu ao Primeiro Livro de Enoque (Judas 12-15). Por isso, alguns críticos não aceitavam a canonicidade da carta de Judas. Porém, a maioria dos estudiosos bíblicos é unânime em reconhecer que um autor, inspirado pelo Espírito Santo, pode fazer uso de tanto documentos históricos quanto textos não inspirados, com a finalidade de ilustrar ou corroborar sua argumentação bíblica, sem com isso estar defendendo a inspiração dos documentos ou referências utilizadas. É também possível, como já mencionamos acima, que as obras citadas fossem bem conhecidas na época e Judas meramente utilizou citações delas para exemplificar seus argumentos. Outra possibilidade bem interessante é que Judas poderia ter conhecido que os pré-gnósticos utilizavam os livros pseudepígrafos a seu favor e quis contrapor usando o próprio material que eles utilizavam.

O Testamento de Moisés é uma obra pseudepígrafa em que Moisés aparentemente predisse a história de Israel desde a conquista da terra de Canaã por Josué até o período pós-exílico. O tema principal do livro é a apostasia dos judeus helênicos. A data de sua composição é controversa, alguns acreditam que foi composto no século 1 d.C.

A ocasião da discussão entre Miguel e Satanás teria ocorrido em um momento próximo de quando o Senhor sepultou o corpo de Moisés, de acordo com Deuteronômio 34:5-6: *“Assim, morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, segundo a palavra do SENHOR. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura.”*

Segue um comentário a respeito do Testamento de Moisés por Sandro Rogério, um dos tradutores dela para a língua portuguesa: *“Parece mais do que provável que essa alusão de Judas a uma disputa entre o Arcanjo Miguel e Satanás pela posse do corpo de Moisés esteja circunscrita na mais formidável dentre todas as lendas criadas pelo imaginário judaico. Judas faz menção do assunto, colocando-o ao lado de acontecimentos bíblicos e históricos, tais como a fuga dos hebreus das terras egípcias, a rebelião dos anjos e a destruição de Sodoma e Gomorra, e age com requintes de tanta veemência que chega a impressionar e nos faz pensar que esse embate espiritual tenha acontecido de verdade. Entretanto, acredita-se que o texto transcrito na carta de Judas fazia parte de um escrito conhecido como ‘A Ascensão de Moisés’, o qual teria sido acrescentado ao ‘Testamento de Moisés’. Esse último se fragmentou através dos séculos e suas partes acabaram se perdendo nas brumas do tempo. Partes da chamada ‘Ascensão de Moisés’ foram encontradas, e ainda podem ser lidas, mas aquele trecho que discorria especificamente sobre a luta entre Miguel e Satanás pela posse do corpo do grande profeta hebreu parece haver se perdido para sempre e só pôde chegar ao nosso conhecimento através dos mitos, fábulas e tradições do judaísmo. Qualquer ser inteligente desejará saber: se a disputa entre os dois seres espirituais e tudo o que envolve a cena não podia ser testemunhada pelos olhos humanos, quem a teria presenciado para que também pudesse descrevê-la em seus mínimos detalhes? E vocês acham que os construtores da fábula não pensaram a esse respeito? Para eles, a contenda entre Miguel e Satanás para ver com quem ficariam os restos mortais do profeta teria acontecido uma hora antes da sua morte e na sua própria presença. Ou seja, Moisés teria testemunhado o fato e o acrescentado pessoalmente ao seu testamento.”*

Segundo a tradição judaica, quando Moisés morreu, o arcanjo Miguel veio levar o seu corpo, e o diabo tratou de requerê-lo para si próprio com o pretexto de que Moisés havia sido um assassino em Êxodo 2:11-12: *“Naqueles dias, sendo Moisés já homem feito, saiu para visitar os seus irmãos e viu o trabalho pesado que faziam. Viu também que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu povo. Olhou para todos os lados e, vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio e escondeu o corpo na areia.”*

10 – Os falsos irmãos e os falsos mestres (referenciados como “sonhadores” em Judas 8), além de contaminarem a si mesmos com imoralidade como fizeram os habitantes de Sodoma e Gomorra (Judas 7), rejeitavam a autoridade do governo e difamavam os seres celestiais, pois tudo o que não entendiam difamavam –

eles se corrompiam com coisas que podem ser compreendidas até mesmo pelos seus próprios instintos naturais, agindo como *“animais irracionais”*.

Em suma, Judas fez um contraste entre os falsos irmãos e os falsos mestres, os quais rejeitavam a autoridade do Senhor e difamaram aquilo que não entendiam (a graça de Deus e os seres celestiais), e o arcanjo Miguel, o qual demonstrou submissão e respeito à autoridade de Deus ao não se atrever a fazer qualquer acusação injuriosa contra o próprio Satanás, deixando a repreensão ser efetuada pelo próprio Senhor (Judas 9). Os falsos irmãos e os falsos mestres ensinavam libertinagem, corrompiam a si mesmos até mesmo com coisas que se entendem por simples instinto natural, eram rebeldes sem respeito pelo governo de Deus e pelas autoridades locais e celestiais, e não compreendiam a graça do Senhor nem os seres celestiais.

Judas 11-13: *“{11} Ai deles! Porque seguiram o mesmo caminho de Caim e, movidos por ganância, caíram no erro de Balaão, e foram destruídos na revolta de Corá. {12} Esses são como rochas submersas nas festas de fraternidade que vocês fazem, banqueteadando-se com vocês sem qualquer receio. São pastores que apascentam a si mesmos; são nuvens sem água impelidas pelos ventos; são árvores que, em plena estação dos frutos, continuam sem frutos, duplamente mortas e arrancadas pela raiz; {13} são ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujeiras; são estrelas sem rumo, para as quais está reservada a mais profunda escuridão, para sempre.”*

11 – Judas citou mais três exemplos do Antigo Testamento sobre o tipo de atitude insana e pecaminosa praticada pelos falsos irmãos e falsos mestres. A conduta de Caim foi constituída de mentira, egoísmo, ódio, inveja e homicídio (Gênesis 4:3-4; 1 João 3:12). O erro de Balaão foi deixar-se dominar por cobiça e imoralidade (Números 22-24; 31:16; Colossenses 3:5; 2 Pedro 2:15; Apocalipse 2:14). Corá representa a insubordinação e a revolta contra a ordem estabelecida por Deus, o que também ilustra algumas situações na época de Judas em que cristãos estavam apostatando da fé e dividindo igrejas (Números 16:1-3,31-33; 3 João 9-10).

12 – O motivo da urgência e prioridade da mensagem de Judas é que os falsos irmãos e os falsos mestres estavam se infiltrando nas reuniões dos cristãos com o propósito de disseminarem seus ensinamentos libertinos e promíscuos, questionando a liderança apostólica e impondo-se como “novos líderes do conhecimento transcendental” (*gnose*), ainda que suas vidas não demonstrassem qualquer manifestação de fruto de justiça (Colossenses 2:19-23). Judas usou uma série de metáforas para evidenciar que tais pessoas agiam como lobos pastoreando ovelhas para saciarem suas próprias vontades animais (2 Pedro 2:13; Ezequiel 34:8-10; Isaías 57:20). Entretanto, assim como as chamadas “estrelas cadentes” (meteoritos), que surgem com brilho e magnificência, tais adeptos do mal acabam sendo “incinerados” e se “desintegram” nas trevas para sempre.

Para os cristãos primitivos, refeições compartilhadas eram um símbolo poderoso de seu amor em Cristo, de modo que vieram a ser chamadas “festas do amor” ou “festas de fraternidade”, em grego *ágape*, literalmente “um amor” – a palavra é utilizada dessa forma no Novo Testamento somente aqui em Judas 12. É difícil atestar a relação da Ceia do Senhor com uma “festa do amor” ou “festa de fraternidade”. Parece que, no início da igreja primitiva, era costumeiro haver uma refeição completa entre os irmãos, a qual era tomada antes do partir do pão e do beber do fruto da videira, isto é, antes da Ceia do Senhor (Atos 2:42-47; 20:6-12; 1 Coríntios 11:17-34). No entanto, o apóstolo Paulo descreveu abusos durante essas refeições na igreja de Corinto, o que o levou a ordenar que cada pessoa deveria tomar a sua própria refeição em casa. Tais abusos devem ter se repetido em outros lugares e, com o passar do tempo, tais refeições deixaram de serem praticadas junto com a Ceia do Senhor, e a tradição da “festa do amor” ou “festa da fraternidade” começou a desaparecer. De qualquer forma, os falsos irmãos e os falsos mestres se infiltravam nas reuniões dos cristãos com o propósito de disseminarem seus ensinamentos. Eles, na verdade, só se importavam consigo mesmos, e não com o rebanho, conforme Judas descreveu com a expressão *“pastores que apascentam a si mesmos”*.

Os falsos irmãos e falsos mestres foram comparados a *“rochas submersas”* no meio das *“águas”* que representam as reuniões cristãs, onde eles se infiltravam para disseminarem seus ensinamentos. Rochas submersas, às vezes, agem como recifes embaixo do mar, arrebentando navios que por ali passam, ou seja, eles destruíam a fé nos cristãos menos firmes. Eles participavam das reuniões cristãs sem qualquer receio. Foram também comparados a *“nuvens sem água impelidas pelos ventos; são árvores que, em plena estação dos frutos, continuam sem frutos, duplamente mortas e arrancadas pela raiz”*. Uma *“nuvem sem água”* denota a ideia de possuir apenas aparência, mas nenhum conteúdo útil. A analogia com árvores mostra que os falsos irmãos e falsos mestres não davam bons frutos, embora parecessem ser capazes disso. Além disso, não estavam enraizados em Cristo. Tais pessoas eram como árvores que

iriam ser arrancadas. Árvores que não dão frutos são consideradas “mortas”, porém, quando a árvore não dá frutos e é arrancada, pode-se dizer que é “duplamente morta”: já estava morta por não dar fruto e é morta outra vez por ser arrancada.

Judas 12 e Judas 13, intencionalmente ou não, parecem usar imagens similares às imagens contidas no livro pseudepígrafo de 1 Enoque, onde se fala da falta de chuva e de frutos e onde se faz referência ao encarceramento de estrelas. Judas usou imagens como essas para exemplificar que os falsos irmãos e os falsos mestres só têm aparência – são desprovidos de conteúdo verdadeiro, possuindo apenas engano e sujeira.

13 – Judas também comparou os falsos irmãos e falsos mestres com “*ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujeiras*”. Eles tinham ímpeto e um discurso imponente, forte como ondas bravas, porém tudo o que saía deles era imundícia. Eram como ondas grandes e bravas que, ao se quebrarem na praia, sujaram a área. Tais pessoas não tinham nada de bom para dar, e quando davam algo, era apenas imundícia.

É interessante lembrar que os antigos hebreus não eram um povo marítimo. O mar, na Bíblia, também é utilizado como imagem simbólica de inquietação, instabilidade, morte e nações mundanas (Isaías 57:20; Jeremias 49:23; Tiago 1:6; Apocalipse 13:1).

Outra comparação utilizada por Judas para descrever os falsos irmãos e os falsos mestres foi: “*são estrelas sem rumo, para as quais está reservada a mais profunda escuridão, para sempre.*” Isso denota que eles não estavam seguindo o caminho para chegarem à vida eterna, mas terminariam nas trevas eternas da separação total de Deus.

Judas 14-16: “*{14} Foi a respeito deles que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: ‘Eis que o Senhor vem com milhares de seus santos, {15} para exercer juízo contra todos e para convencer todos os ímpios a respeito de todas as obras ímpias que praticaram e a respeito de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.’ {16} Esses tais são murmuradores, pessoas descontentes que andam segundo as suas paixões. A sua boca vive falando grandes arrogâncias; adulam os outros por motivos interesseiros.*”

14 – Se observarmos a linhagem de Sete, considerando Adão como o primeiro, Enoque é o sétimo (Gênesis 5:18-24; 1 Crônicas 1:1-3). Não deve ser confundido com o outro Enoque da descendência de Caim (Gênesis 4:17). Judas disse que Enoque já havia profetizado a vinda do Senhor há muito tempo.

Especificamente aqui, a expressão “*Eis que o Senhor vem com milhares de seus santos*” se refere à visitação do Senhor, com a participação de seus anjos, para julgamento contra os ímpios. É como um dos “*dias do Senhor*” que aparecem ao longo da Bíblia, dias de acerto de contas para salvar os fiéis e punir os infiéis. Em uma aplicação primária, a expressão parece se referir à segunda vinda do Senhor Jesus Cristo entre seus muitos anjos (1 Tessalonicenses 3:13; 2 Tessalonicenses 1:7), mas pode também se referir às várias visitas do Senhor que aparecem na Bíblia para executar juízos locais (Isaías 13:6,9; Jeremias 46:10; Ezequiel 13:5; 30:3; Sofonias 1:7,14; Joel 1:15; 2:1; 3:14; Obadias 15).

A passagem citada em Judas 14-15, “*Eis que o Senhor vem com milhares de seus santos, para exercer juízo contra todos e para convencer todos os ímpios a respeito de todas as obras ímpias que praticaram e a respeito de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele*”, consta no livro pseudepígrafo de 1 Enoque (1 Enoque 1:9). No livro, o texto contém supostas visões de Enoque depois de ter sido levado ao céu. Como ressaltamos anteriormente, é possível que algumas passagens de 1 Enoque possam de fato terem preservado tradições genuínas, e Judas foi capaz de discernir a verdade no meio da ficção. Talvez Judas nem sequer tivesse em mente o livro pseudepígrafo e simplesmente escreveu sobre a profecia de Enoque inspirado pelo Espírito Santo (afinal de contas, se Enoque profetizou há tanto tempo, foi pelo próprio Espírito Santo, o revelador da Palavra de Deus que também inspirou Judas). Ou Judas pode até mesmo ter feito uso de 1 Enoque com o objetivo de usar o próprio material dos falsos mestres contra eles mesmos. De qualquer forma, não devemos considerar 1 Enoque como confiável. A natureza do livro, bem como a de outras obras pseudepígrafas, são de um “*amalgama*” de escritos de várias épocas. Além disso, lembremos que a citação de uma obra por um autor bíblico não significa aprovação a ela.

15 – Segue a continuação da profecia de Enoque, “*para exercer juízo contra todos e para convencer todos os ímpios a respeito de todas as obras ímpias que praticaram e a respeito de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele*”, a qual consta também no livro pseudepígrafo de 1 Enoque (1 Enoque 1:9). Nessa segunda

parte, Judas escreveu que Enoque já havia profetizado o juízo de Deus há muito tempo contra as pessoas que têm atitudes como a conduta dos falsos irmãos e dos falsos mestres referidos em sua epístola. Uma palavra os qualifica bem: ímpios.

Judas parece estar se referindo ao glorioso retorno de Jesus Cristo e à condenação final de todos os ímpios ao usar o exemplo da profecia de Enoque para ilustrar seu ponto. De fato, há profecias no Novo Testamento sobre o juízo definitivo de Deus contra os ímpios (1 Tessalonicenses 3:13; 2 Tessalonicenses 1:7). Paulo escreveu em 2 Tessalonicenses 1:6-10: *“Pois, de fato, é justo para com Deus que ele retribua com tribulação aos que causam tribulação a vocês e que dê a vocês, que estão sendo atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando ele vier, naquele Dia, para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram. Isto inclui vocês, que creram em nosso testemunho.”* A profecia de Enoque também pode ter se referido aos vários “dias do Senhor” que aparecem ao longo da Bíblia – dias de acerto de contas para salvar os fiéis e punir os infiéis (Isaías 13:6,9; Jeremias 46:10; Ezequiel 13:5; 30:3; Sofonias 1:7,14; Joel 1:15; 2:1; 3:14; Obadias 15). De qualquer forma, a punição dos ímpios foi deixada bem clara pelo Senhor.

16 – Uma característica marcante dos falsos irmãos e dos falsos mestres a quem Judas se referiu é que eles sempre estavam descontentes, críticos, lamuriantes, e jamais expressavam sincera gratidão a Deus (Efésios 5:20; Colossenses 3:16-17; 1 Tessalonicenses 5:18). Além disso, eram movidos pela ganância e o humor deles melhorava apenas em função de seus interesses pessoais, quando não poupavam adulações àqueles de quem acreditavam poderem obter alguma vantagem. Essa é uma cilada muito perigosa na qual todos os cristãos estão frequentemente expostos.

Em suma, podemos resumir que Judas utilizou imagens fortes para mostrar que a aparência dos falsos irmãos e falsos mestres é enganosa e que Deus, há muito tempo, preparou juízo contra aqueles que vivem em impiedade, sensualidade, arrogância, palavras frívolas e ganância. Dados os diversos exemplos citados por Judas, esses homens não escapariam da condenação.

EXORTAÇÃO AOS CRISTÃOS

Judas 17-19: *“{17} Mas vocês, meus amados, lembrem-se das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo. {18} Eles diziam a vocês: ‘Nos últimos tempos, haverá zombadores, andando segundo suas ímpias paixões.’ {19} São estes os que promovem divisões, seguem os seus próprios instintos e não têm o Espírito.”*

17 – Judas exortou seus leitores para que se lembrassem *“das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.”* É importante observar que ele, à semelhança de Pedro em sua segunda carta, não fez qualquer alusão para que os cristãos aguardem novas revelações ou novas instruções da parte do Senhor. Ele escreveu antes que a fé cristã foi dada de uma vez por todas (Judas 3). Portanto, para reconhecer falsas doutrinas e não ser enredado por elas, é imprescindível que se retorne ao padrão bíblico e que se mantenha na sã doutrina transmitida pelo Espírito Santo por intermédio dos apóstolos. O evangelho é o padrão que deve ser utilizado, e qualquer doutrina que se desvie dele deve ser rejeitada (1 Coríntios 4:6; Gálatas 1:6-11; 2 João 9).

18 – Os apóstolos do Senhor, mais especificamente Paulo e Pedro (Atos 20:29-30; 1 Timóteo 4:1; 2 Timóteo 3:1-9), fizeram o seguinte alerta: *“Nos últimos tempos, haverá zombadores, andando segundo suas ímpias paixões.”* Os *“últimos tempos”* já estavam presentes no primeiro século (1 João 2:18) e se estendem até a segunda vinda de Cristo, dia em que a presente criação será destruída e o juízo final toma lugar (2 Pedro 3:7,10-12).

Judas advertiu quanto ao cumprimento da profecia dos apóstolos sobre o surgimento de ondas doutrinárias heréticas, escarnecedores da Palavra de Deus e vãs filosofias. Os apóstolos profetizaram e Judas estava vendo o cumprimento – por isso escreveu urgentemente sua epístola (Judas 3). Os cristãos não devem estar despreparados em relação a esses eventos funestos no meio das igrejas.

19 – Os falsos irmãos e os falsos mestres incitavam divisões nas igrejas, sendo dominados pelas suas próprias paixões (*“seguem os seus próprios instintos”*), e não pela Palavra de Deus. Os próprios gnósticos

posteriormente se dividiram em três grupos: os “mundanos”, materialistas; os “sensuais”, ligados à psicologia do comportamento; e os “espirituais”, que acreditavam terem alcançado o estágio mais desenvolvido do saber.

Judas venceu os hereges usando a própria maneira debochada com a qual eles apreciavam atacar os princípios bíblicos, conforme declarou em Judas 10: *“Esses, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como animais irracionais, até nessas coisas se corrompem.”* Ele concluiu a argumentação com o fato de que tais pessoas, ao contrário de pertencerem a algum tipo de “elite espiritual” como imaginavam, nem sequer tinham o Espírito de Deus, ou seja, estavam completamente perdidos (Romanos 8:9; Hebreus 6:4,6; 2 Pedro 2:20) – apenas promoviam divisões e escândalos nas igrejas. Paulo escreveu em Romanos 16:17-18: *“Irmãos, peço que notem bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que vocês aprenderam. Afastem-se deles, porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre. Com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração das pessoas simples.”*

A luta para escapar do engano começa com a Palavra de Deus revelada nas Escrituras, as quais tanto ensinam o caminho correto quanto mostram o caráter dos enganadores.

Judas 20-23: *“{20} Mas vocês, meus amados, edificando-se na fé santíssima que vocês têm, orando no Espírito Santo, {21} mantenham-se no amor de Deus, esperando a misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, que conduz para a vida eterna. {22} E tenham compaixão de alguns que estão em dúvida; {23} salvem outros, arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sejam também compassivos, mas com temor, detestando até a roupa contaminada pela carne.”*

20 – Embora a carta de Judas trate prioritariamente de combater os hereges (os falsos irmãos e falsos mestres que tentavam corromper os fiéis), Judas dedicou palavras de encorajamento aos cristãos. Os fiéis foram encorajados a não agirem como os falsos irmãos e os falsos mestres – pelo contrário, eles devem ser edificados mutuamente na fé do evangelho. Essa edificação pode ser feita por meio de estudos bíblicos, orações, pregações, exortações, admoestações e/ou pelo serviço prático ao reino de Deus. Para edificar corretamente, o fundamento, a pedra angular, é Cristo (Lucas 20:17-18; 1 Coríntios 3:11; 1 Pedro 2:6-8).

A oração é sempre importante, uma vez que é uma oportunidade para falar diretamente com o soberano do universo. Judas disse para os cristãos orarem *“no Espírito Santo”*. Isso não se refere às palavras que são ditas na oração, mas se refere a como se ora. Deve-se orar com a liderança do Espírito Santo, isto é, conforme o Espírito Santo revelou nas Escrituras: as orações devem estar de acordo com a vontade de Deus (Lucas 22:42). Pode-se orar, por exemplo, pelo fortalecimento espiritual de irmãos em Cristo, pela conversão de pessoas, por capacitação para fazer a vontade de Deus, para que se tenha um caráter cada vez mais próximo ao de Cristo, para que se mantenha uma mente com pensamentos puros, entre outros exemplos. Não se deve orar, por exemplo, para esbanjamento nos próprios prazeres (Tiago 4:3) ou para perdão de pecados que nem sequer foram confessados com arrependimento (1 João 5:16-17; conforme 1 João 1:8-2:2). Também, Paulo afirmou que é comum que as pessoas não saibam como orar, mas o Espírito Santo as ajuda nessa questão (Romanos 8:26-27).

Há algumas pessoas que igualam *“orar no Espírito”* com *“orar em línguas”*. Porém, se assim fosse, quando uma pessoa ora em línguas, ela não sabe o que está dizendo, por estar falando em uma língua desconhecida. Além disso, ninguém entenderia o que está sendo dito, a menos que houvesse um intérprete. Como se pode orar se ninguém, nem mesmo aquele que ora, entende o que está sendo dito? (1 Coríntios 14:13-19). Ninguém seria edificado pela oração, e Judas acabou de dizer para que os cristãos sejam edificados. Assim, *“orar no Espírito”* deve ser entendido como orar conforme o Espírito Santo ensinou nas Escrituras, isto é, de acordo a vontade de Deus Pai.

21 – Judas asseverou que o próprio Senhor cuida de cada um de seus filhos em suas lutas diárias e em suas caminhadas, preservando-os no seu amor. Os cristãos devem se guardar no amor de Deus, ou seja, devem manter e praticar o mesmo amor que o Senhor tem para com eles, a fim de receberem a vida eterna. Essa vida eterna vem pela misericórdia do Senhor, e não porque os seres humanos a merecem. Assim, os cristãos aguardam essa misericórdia do Senhor Jesus, o galardão final ao fiel.

22 – Assim como os cristãos esperam pela misericórdia de Deus (Judas 21) porque ele se compadeceu deles, eles devem se compadecer de outras pessoas que não demonstram tal certeza em Cristo. Elas podem estar em

dúvida quanto à fé cristã, e dúvidas abrem a possibilidade para falsos ensinamentos as levarem a se afastarem do Senhor.

23 – A expressão original em grego traduzida como *“salvem outros, arrebatando-os do fogo”* sugere uma operação de socorro para salvar alguém em situação muito arriscada, algo como *“tirar alguém da beira da destruição”* – trabalhar para direcionar para Cristo uma pessoa que esteja afastada dele. Aquele que não está em Cristo não pode verdadeiramente crer nele e obedecer a ele, estando sujeito a condenação em julgamento, o que pode ser ilustrado pelo mesmo fogo que consumiu Sodoma e Gomorra (Judas 7) e pelo mesmo castigo da rebelião de Corá (Judas 11).

Para realizarem essa *“operação de socorro”* com sucesso, os cristãos devem se compadecer dessas pessoas, por causa do temor ao Senhor. Devem tentar ajudá-las a se converterem a Cristo e a perseverarem em seus ensinamentos. No entanto, ao tentarem ajudar, frequentemente os cristãos se deparam com tentações e pecado. O exercício de misericórdia deve ser praticado sob a vigilância do temor de Deus e sem fazer qualquer concessão a desejos carnis.

Fazendo uso de uma metáfora, Judas disse que os cristãos devem detestar *“até a roupa contaminada pela carne”*. Isso denota que os cristãos estão revestidos de *“trajes limpos”* de justiça e, ao tentarem ajudar os outros, não devem permitir que suas vestes sejam maculadas pela concessão à qualquer tentação ou pecado, uma vez que serão expostos a tais coisas com frequência. Os *“trajes limpos”* representam a pureza, em contraste com a *“roupa contaminada pela carne”*, a qual representa impureza e deve ser repugnada (Zacarias 3:1-4).

Assim, a ideia é tentar ajudar os outros em relação à salvação, não deixando que a possível exposição às tentações ou pecados macule a roupa limpa que os cristãos devem estar trajando sempre. É uma analogia com a *“impureza cerimonial”* do Antigo Testamento, a qual era contagiosa. Esse ponto é bem ilustrado em Ageu 2:11-13: *“Assim diz o SENHOR dos Exércitos: ‘Peça aos sacerdotes que decidam a seguinte questão relacionada com a lei: ‘Se alguém leva carne santificada na borda de sua roupa, e ela vier a tocar no pão, ou no cozido, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outro mantimento, isso ficará santificado?’ E os sacerdotes responderam: ‘Não.’ Então Ageu perguntou: ‘Se alguém que se tornou impuro pelo contato com um cadáver tocar em qualquer dessas coisas, ficará ela impura?’ E os sacerdotes responderam: ‘Sim, ficará impura.’”* A impureza é *“contagiosa”*. Paulo também escreveu sobre o assunto em Gálatas 6:1: *“Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vocês, que são espirituais, restaurem essa pessoa com espírito de brandura. E que cada um tenha cuidado para que não seja também tentado.”*

Onde aparece a expressão *“E tenham compaixão de alguns que estão em dúvida”*, alguns manuscritos dizem: *“A alguns que duvidam, convencei-os.”* A ideia seria tentar convencer as pessoas do erro a fim de ajudá-las com a salvação. Porém, jamais devem ser forçadas a isso – a conversão deve ser realizada de forma voluntária, pois o amor é voluntário.

Em suma, é necessário crescer na fé, estudando a Palavra de Deus e orando ao Senhor de acordo com a vontade dele, com amor e com a forte esperança de alcançar a vida eterna. Depois dos cuidados espirituais pessoais, é também necessário ajudar outros a superarem suas dúvidas e fraquezas para se aproximarem de Deus.

DOXOLOGIA DE ENCERRAMENTO

Judas 24-25: *“{24} E ao Deus que é poderoso para evitar que vocês tropecem e que pode apresentá-los irrepreensíveis diante da sua glória, com grande alegria, {25} a este que é o único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, sejam a glória, a majestade, o poder e a autoridade, antes de todas as eras, agora, e por toda a eternidade. Amém!”*

24 – Judas concluiu sua *“mensagem de guerra”* aos hereges e sua exaltação à fidelidade dos cristãos com uma proclamação formal de louvor a Deus conhecida como doxologia. Do grego, *doxa* significa *“glória”* e *logia* significa *“palavra”*. É uma forma de louvor à glória de Deus enunciada de uma opinião comumente admitida. A doxologia não pode vir desassociada da verdadeira adoração. Ela exige adoração.

Assim como Paulo, Judas exaltou o maravilhoso poder do Senhor em preservar todos aqueles que nele depositam confiança (Romanos 16:25; Efésios 3:20). A expressão *“apresentá-los”*, aqui, deriva do termo grego *stesai*,

cujo sentido é “colocar de pé”. Judas afirmou que Deus é capaz de capacitar as pessoas para serem apresentadas, ou “colocadas de pé”, diante de sua glória, de forma a serem irrepreensíveis para serem inocentadas no julgamento e receberem o galardão final – a vida eterna. Pedro escreveu em 2 Pedro 3:14: *“Por essa razão, amados, esperando estas coisas, esforcem-se para que Deus os encontre sem mácula, sem culpa e em paz.”*

Assim, a verdadeira garantia da vitória é que Deus tem o poder e a vontade de salvar todos aqueles que buscam servi-lo honestamente e que, com humildade, se submetem à sua soberania eterna, como Paulo escreveu: *“Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que deseja que todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”* (1Timóteo 2:3-4).

25 – Encerrando sua doxologia, Judas declarou que Deus é único e que ele é o salvador (justificador) de todos. Ele também escreveu que Jesus é Senhor e que a salvação é mediante ele. Se Deus é único e salvador, e se essa salvação é mediante Cristo, e se Cristo é Senhor, logo Cristo é Deus. Portanto, a doxologia de Judas encerra com o reconhecimento da divindade de Jesus e que são devidos ao Senhor Deus *“a glória, a majestade, o poder e a autoridade, antes de todas as eras, agora, e por toda a eternidade.”*

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- www.estudosdabiblia.net;
- www.answersingenesis.org;
- O Testamento e Assunção de Moisés – Tradução de Sandro Rogério;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.